SENTIDOS PARA A EDUCAÇÃO E A CRÍTICA SOCIAL A PARTIR DO LETRAMENTO EM RELAÇÃO AO TEMA GLOBALIZAÇÃO

Elsbeth Léia Spode Becker
Professora do Estado do Rio Grande do Sul e professora Adjunta III – Mestrado em Ensino de Humanidade e Linguagens (MEHL) – Universidade Franciscana – UFN
elsbeth.geo@gmail.com

Natália Lampert Batista
Graduada em Geografia. Professora da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria-RS. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal de Santa Maria
natilbatista3@gmail.com

Patrícia Santos Albarello
Graduada em Letras. Aluna do Mestrado em Ensino de Humanidade e Linguagens (MEHL) – Universidade Franciscana
pattly10@gmail.com

RESUMO: O artigo tem como objetivo fazer uma descrição, reflexiva, sobre o letramento e sua capacidade em desenvolver sentidos para a educação e a crítica social em sujeitos da geração jovem. A metodologia está embasada na reflexão e na análise descritiva do tema globalização e a Sequência Didática foi aplicada em sala de aula com alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio. Para tanto, partiu-se da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), visando a necessidade do letramento e da crítica social na atual fase do período técnico-científico-informacional. Para dar a ênfase crítica ao tema, foram escolhidos um texto, um documentário e um curta-metragem, que fazem uma apreciação crítica à sociedade contemporânea. Pôde-se inferir que o texto, o documentário e o curta-metragem fazem uma profunda crítica ao consumismo e à ditadura da busca pela aparente felicidade capitalista e têm um papel importante a cumprir no apoio à democracia. Concluiu-se que, o letramento e o multiletramento oferecem as habilidades e as competências para que a sociedade global vislumbre um outro mundo possível, a partir da crítica social necessária para a globalização.

Palavras-chave: Democracia; Aldeia global; Consumismo.

FEELINGS FOR EDUCATION AND SOCIAL CRITICISM FROM THE LETTERS IN RELATION TO THE TOPIC GLOBALIZATION

ABSTRACT: The article aims to provide a reflective description of literacy and its capacity to develop meanings for education and social criticism in subjects of the young generation. The methodology is based on the reflection and the descriptive analysis of the theme globalization and the Didactic Sequence was applied in the classroom with students of the Third Year of High School. To do so, the Universal Declaration of Human Rights (1948) was based on the need for literacy and social criticism in the current phase of the technical-scientific-informational period. To give a critical emphasis to the theme, a text, a documentary and a short film were chosen that make a critical appreciation of contemporary society. It could be inferred that the text, the documentary and the short film make a deep critique of consumerism and the dictatorship of the search for apparent capitalist happiness and have an important role to play in supporting democracy. It was concluded that literacy and multilearning offer the skills and competences for global society to glimpse another possible world, from the social critique necessary for globalization.

Key words: Democracy; Global village; Consumerism.

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento são necessários para todos os cidadãos e tem uma importância decisiva para a nova geração, tanto no papel como cidadãos e participantes da sociedade, quanto na sua aprendizagem, na sua expressão cultural, na sua realização pessoal e na manutenção da sua liberdade individual em meio a diversidade e o pluralismo cultural.

Nesse sentido, a manutenção e a afirmação da democracia é pré-condição para a existência de cidadãos alfabetizados e letrados para a crítica social e o exercício da liberdade. Um elemento fundamental nos esforços rumo a uma sociedade livre é a educação com paradigmas amplos e inclusivos e, também, mais aberta e permeável a ideias e abordagens culturais não ocidentais e com sentido crítico aos sistemas políticos e econômicos.

A diversidade e o pluralismo cultural compõem uma temática que se refere, em primeiro lugar, ao exercício da liberdade humana e à sua humanização na história. A liberdade, enquanto autodeterminação e autonomia responsável pelas pessoas e pelas associações para desenvolver ao

máximo suas potencialidades, só se exercita em plenitude se a sociedade na qual vivem oferece as condições efetivas para que esse ato de fazer-se humano plenamente não se oriente pelo enfrentamento de limites externos, mas que o faça pelo ato amoroso de contribuir para o bem-estar comum entre cada indivíduo e o mundo. Portanto, fazemo-nos livres na medida em que todos os indivíduos e associações vão se fazendo livres mutuamente. Isso praticamente significa que todos, sem distinção nem descriminação alguma, constituem-se como sujeitos de direito pelo simples fato de serem pessoas. Como todos os seres humanos realizam-se como tais em múltiplas formas de associação ou de comunidade, vinculados por trabalho, produção, afetos e crenças, é na convivência social produtiva e prazerosa que se pode encontrar o espaço de construção e o exercício da liberdade.

Assim, desse fato surge o valor de reconhecer a pluralidade e a diversidade, do ato humano de desdobrar as diversas potencialidades que cada pessoa tem na sociedade e de cada associação que os seres humanos criam. A diversidade e o pluralismo não tem valor em si, como patrimônio humano, mas constituem condições inerentes e necessárias para que o ser humano realize-se como indivíduo e membro de uma comunidade e sociedade, fazendo-se todos, assim, igualmente livres, autônomos, capacitados para autodeterminar e autogerenciar sua história pessoal e coletiva. O valor final que sustenta a diversidade é, como consequência, a liberdade.

O artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece que “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de opinar livremente e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras” (UNESCO, 1948, p. 2). Os (novos) letramentos proporcionam aos cidadãos as competências necessárias para buscar e usufruir plenamente dos benefícios desse direito humano fundamental.

Essa noção é reforçada pela Declaração de Grünwald, de 1982, quando um grupo de especialistas de 19 países se reuniu na cidade de Grünwald, sob a coordenação da Organização das Nações para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e, a partir de então, a educação para as mídias (também chamada de letramento midiático) ganhou constante atenção de organismos internacionais ligados à educação, aos meios de comunicação e ao desenvolvimento global. O documento também reconhece a necessidade de os sistemas políticos e, especialmente, os educacionais promoverem a compreensão crítica, pelos cidadãos, das linguagens verbais e não

verbais e sua participação nas novas e antigas mídias e, também, nos textos. A escola e a família partilham a responsabilidade de preparar os mais jovens para viverem num mundo de poderosas imagens, palavras e sons. Crianças e adultos precisam ser alfabetizados e letrados em todos esses três sistemas simbólicos, o que requer uma reavaliação das prioridades educacionais no sentido de alcançar o direito ao letramento midiático.

O direito é reforçado pela Declaração de Alexandria, de 2005, que coloca o letramento no centro da educação. O documento reconhece que o letramento empodera as pessoas de todos os estilos de vida "a procurar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingirem suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais" (DECLARAÇÃO DE ALEXANDRIA, 2005, p. 1). Logo, trata-se de um direito humano básico em um mundo digital que promove a inclusão em todas as nações.

As mídias e outros provedores de informação, como bibliotecas, arquivos e internet, entre outros, são amplamente reconhecidos como ferramentas essenciais para auxiliar os cidadãos a tomarem decisões conscientes por meio da análise crítica das vastas fontes de informação contemporâneas. São também os meios pelos quais as sociedades aprendem sobre elas mesmas, mantêm discursos públicos e constroem um sentido de cidadania. Portanto, as mídias e as demais Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm um grande impacto sobre a educação, e, por isso, os cidadãos precisam de letramento para, além de ler e escrever, estarem, também, aptos a se posicionar crítica e reflexivamente.

O uso da internet, em todas as nações, é cada vez mais intenso, e a produção de conteúdo midiático já é uma realidade consolidada. Vale, então, indagar de que maneira "nova sociedade" produz conteúdo e, principalmente, como "consome" a intensidade de novos conteúdos e informações que chegam a todo o instante. Até que ponto exerce o papel de cidadania de maneira consciente, crítica e criativa perante as mídias e seus atributos simbólicos em imagens, palavras e sons. A tentativa de responder a essas questões também nos leva a observar que papel tem exercido o letramento midiático ao longo do tempo e como os estudos e atividades escolares podem se valer de conteúdos midiáticos para o letramento e o exercício da cidadania.

Assim, o artigo tem como objetivo fazer uma descrição, reflexiva, sobre o letramento e sua capacidade em desenvolver sentidos para a educação e a crítica social em sujeitos da geração jovem.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os avanços tecnológicos, em uma economia de mercado de escala global, têm estimulado o crescimento das empresas globais de mídia, conhecidas como conglomerados transnacionais de mídia. Seu poder e sua influência ultrapassam barreiras geográficas e incluem, também, aquelas que operam em âmbito regional.

A emergência dessas mídias globais produz desafios e oportunidades. Há indicações e alertas sobre as ameaças de homogeneização cultural, mas é pertinente destacar que as mesmas ferramentas de mídia que provocam homogeneização no espaço, evidenciam, também, a diversificação e o pluralismo cultural, ou seja, conforme coloca Santos (2000, p. 117): "Os sistemas técnicos característicos do período atual buscam afirmar-se com ainda mais força do que os precedentes. Mas, como nos períodos anteriores, sua generalização não significa homogeneização". Logo, o autor reforça que não existe homogeneidade do espaço, assim como não existe homogeneidade das redes e dos meios técnicos-científicos-informacionais. Há muitos níveis de integração ou de esquecimentos nas comunidades globais, múltiplas faces e facetas dos objetos técnicos, que associados as diferentes culturas, divergem e fazem como que o modelo atual acabe por ressaltar as heterogeneidades espaciais e as contraculturas.

Todavia, a falta de análise crítico-reflexiva desejada por algumas interfaces do sistema econômico vigente propiciam a ocorrência de um cenário propício para a busca dessa homogeneização cultural como forma de ampliação de mercados para os produtos fabricados em larga escala e desperta uma tendência para a unicidade das ideias contrariando a abertura ao desconhecido e ao diferente e resultando em contextos xenófobos e que conduzem a um mal-estar generalizado por alguns segmentos da população.

No entanto, na contramão dessa busca desenfreada por vender cada vez mais, surgem focos de produção personalizados, colaborativos, solidários, que tendem a compartilhar saberes e trabalhar em cooperação. Ou seja, hoje se torna mais fácil produzir, compartilhar e intercambiar conteúdos locais de mídias no mundo interligado e compactado na aldeia global discutida por David Harvey (1992). Cabe, então, uma reflexão sobre a influência da aldeia global nos cenários midiáticos emergentes e a importância do letramento e da crítica social nesta sociedade globalizada como uma forma de se contrapor a homogeneização dos espaços e das culturas pelo

domínio do capital e reforçar as propostas de desenvolvimento local que conduzem a qualidade de vida e a emancipação das populações.

2.1 TECNOLOGIA E ALDEIA GLOBAL

A ideia de aldeia global relaciona-se com a concepção de comunidade interligada por uma rede de comunicações, proporcionada pelo avanço dos meios técnicos-científicos-informacionais no contexto da globalização. O termo, aldeia global, foi criado pelo filósofo canadense Herbert Marshall McLuhan, pioneiro dos estudos culturais no contexto das transformações sociais provocadas pela revolução tecnológica da informática e das comunicações.

A noção de aldeia global remete, necessariamente, ao contexto da globalização na era da revolução técnico-científico-informacional que transformou as comunicações e os transportes, possibilitando um maior fluxo de informações, de pessoas e de mercadorias. Esse processo gerou uma enorme rede ou teia de dependências mútuas entre todos os lugares do mundo. Assim:

> [...] À medida que o espaço parece encolher numa “aldeia global" de telecomunicações e numa "espaçonave terra" de interdependências ecológicas e econômicas - para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras-, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal. A experiência da compressão do tempo-espaço é um desafio, um estímulo, uma tensão e, às vezes, uma profunda perturbação, capaz de provocar, por isso mesmo, uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas. Deve-se compreender "compressão" como um termo que se aplica a todo estado de coisas precedente [...]. (HARVEY, 1992, p. 219).

O processo de globalização, que interliga o mundo difundindo características econômicas, sociais, políticas e culturais de cada lugar, foi necessário para a expansão do capitalismo, que remonta ao século XV, ainda no período de transição do feudalismo ao período mercantilista. Naquele contexto, vários reinos europeus investiram na busca de riquezas, de novas terras em um mundo ainda desconhecido e investiram na navegação. As nações europeias, em contato com povos e civilizações de outros continentes, estabeleceram relações comerciais e culturais sem precedentes na história da humanidade.

Posteriormente, no contexto da Primeira Revolução Industrial, no século XVIII, a globalização ganha traços que aprofundam e intensificam os fluxos de força de trabalho entre os países e continentes, especialmente, nas novas colônias na África e na Ásia.

No século XIX, com a invenção da eletricidade, das ferrovias e dos navios a vapor, as distâncias encurtaram e os produtos puderam chegar aos lugares mais remotos. Esse conjunto de transformações, de ordem política e econômica, intensificou-se, ainda mais, na Segunda Revolução Industrial, na primeira metade do século XX, com o surgimento dos grandes conglomerados comerciais, industriais e financeiros. Mas, é, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial, com o advento da informática, que se implementa a Terceira Revolução Industrial ou o período técnico-científico-informacional, o capitalismo atinge sua fase informacional-global. Após o fim da União Soviética, o mundo deixa de estar dividido por uma barreira ideológica e, também, os países do bloco socialista adotam o liberalismo econômico, ganha força o neoliberalismo, que irá impulsionar o processo de globalização econômica e os avanços tecnológicos facilitam a integração em escala planetária.

E, nesse cenário de integração, o impacto das mídias globais produz desafios e oportunidades. Existe, hoje, um fluxo de informações de mão dupla, mais forte dentro e fora das fronteiras nacionais, bem como plataformas de alcance mais amplo para difusão de ideias e de discursos públicos. Todas essas realidades pressupõem a cultura da tolerância e da compreensão e, para isso, é necessário desenvolver a criticidade perante o conjunto amplo de opções, escolhas, liberdades e deveres. E, nesse contexto, a criticidade perpassa pelos (novos e múltiplos) letramentos.

2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM TEMPOS DE ALDEIA GLOBAL

A alfabetização é o processo de aprendizagem no qual se desenvolve a habilidade de ler e escrever. Com as mudanças ocorridas com a Terceira Revolução Industrial, o período técnico-científico-informacional impôs uma nova ordem econômica, política e social. As mudanças sociais que se manifestam, a partir da década de 1960, propõem a emergência de uma nova sociedade e, nas décadas seguintes, a alfabetização e o processo de aprendizagem necessitaram passar por ajustes, uma vez que, em meados dos anos 1970, surgia o analfabetismo funcional que,

segundo Rangel e Rojo (2010), são consideradas analfabetos funcionais pessoas que não conseguem funcionar nas práticas letradas de suas comunidades, embora sejam alfabetizadas. Assim, nos anos 1980, surge o termo letramento, que

> [...] busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados socialmente, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos, em grupos sociais e comunidades diversificadas culturalmente (RANGEL; ROJO 2010, p. 26).

Enquanto a alfabetização caracteriza o processo de aprendizagem em que se desenvolve a habilidade de ler e escrever, o letramento desenvolve o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais. Então, uma das principais diferenças está na qualidade do domínio sobre a leitura e a escrita. Enquanto o sujeito alfabetizado sabe codificar e decodificar o sistema de escrita, o sujeito letrado vai além, sendo capaz de dominar a língua no seu cotidiano, nos mais distintos contextos.

O termo letramento é definido por Soares (2000, p. 47) como "o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita". A autora ainda define a alfabetização como "a ação de ensinar/aprender a ler e escrever". O conceito de letramento comporta o conceito de alfabetização e vai além, pressupondo a criticidade para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea fortemente influenciada pelas mídias.

É, portanto, a sociedade contemporânea, com o avanço da tecnologia e da ampliação de acesso aos meios de comunicação, que apresenta novas formas de se comunicar, bem como de produzir significados. Assim, as informações podem ser transmitidas para além do texto verbal, mas também por imagens estáticas ou em movimento e por signos (símbolos, ícones e índices). Cabe ressaltar que o uso de imagens e simbologias na comunicação esteve presente desde a Antiguidade, pois, mesmo antes da escrita, as técnicas e a arte de representação simbólica auxiliavam o processo de movimentação dos grupos humanos, na atividade de coletar alimentos e de caçar animais e, ainda, de dominar e conviver com seus inimigos naturais (BECKER, 2006, p. 13).

No entanto, é na sociedade pós-moderna que a comunicação humana engloba diferentes linguagens, especialmente, textuais e visuais. A linguagem visual tem ganhado cada vez mais

relevância no meio social contemporâneo e influenciado os meios de comunicação. Com o avanço dos sistemas audiovisuais, as imagens passam a chamar atenção, fazendo surgir uma nova prática de leitura. Conforme Hemais (2015, p. 152):

> A comunicação na nova sociedade pós-moderna é formada por uma diversidade de "modos" comunicativos denominados "recursos semióticos (a linguagem escrita e falada, as imagens, a música, os sons, os gestos e outros). Todos esses modos se combinam para produzir significados.

Então, percebe-se uma maior utilização desses recursos semióticos na comunicação, a partir da expansão dos recursos da informática (ALBARELLO; PINHEIRO, 2017), por meio da junção entre linguagem verbal e não-verbal como formadoras de sentido, evidenciando a multimodalidade. De acordo com Hemais (2015, p. 32), a multimodalidade é "caracterizada pela presença de mais de uma modalidade de linguagem, ou seja, a co-presença de vários modos de comunicação".

Para tanto, para compreender criticamente a informação repassada, é necessário haver letramento e/ou multiletramento para esse processo. No Brasil, o termo letramento vem ganhando espaço no âmbito escolar e nas universidades, especialmente, a partir da década de 1990. A palavra letramento, utilizada no Brasil, vem do termo Literacy, proposto por Street (2014), na década de 1980, e significa "o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever; estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita" (SOARES, 2000, p. 18). Já multiletramentos, outra face do letramento, surgiu de um estudo de pesquisadores da cidade de Nova Londres, grupo que publicou o livro Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures (COPE; KALANTZIS, 2006). A partir desse estudo, outros autores passaram a explorar a temática no compromisso de auxiliar os professores a se inserirem nesse contexto de (multi)letramentos.

Rojo (2012) é uma autora que se dedica à temática e publica obras incentivando os docentes sobre a importância da hibridização do ensino. Além disso, a autora possui artigos sobre propostas de interação do ensino com as novas tecnologias, seja através do trabalho de contos, minicontos relacionados com outras possibilidades de cibercultura, seja através da inserção do

ensino por meio de blogs, radioblogs, como também de filmes ou curta-metragens. Assim, atividades pedagógicas que envolvam as habilidades da leitura relacionadas com as práticas sociais são necessárias no contexto educacional de hoje, devido à riqueza semiótica presente nos textos que circulam pela sociedade, seja no meio impresso ou digital.

Dessa forma, é imperativo que a escola, um local de socialização do conhecimento, possa promover esse estudo interdisciplinar, e, assim, incluir práticas sociais que façam parte do cotidiano dos alunos, como o fato da orquestração das múltiplas linguagens em um texto a fim de transmitir a informação.

2.3 LETRAMENTO, MULTILETRAMENTO E CRÍTICA SOCIAL

É inegável que o mundo passou por transformações e vive a era "pós-moderna", "hipermoderna", ou, ainda, era da "cibercultura". Na concepção do filósofo Lévy (1999), o homem, hoje, estabelece uma relação nova com o saber, agora que está imerso na cibercultura, sendo que o ciberespaço amplifica, exterioriza e modifica funções cognitivas humanas como o raciocínio, a memória e a imaginação.

Sobre o mundo contemporâneo, outro filósofo colabora evidenciando o momento social. Lipovetsky (2004) caracteriza o mundo como vivenciando a era da "hipermodernidade", sendo que o prefixo "hiper" se desloca, se recoloca ou se instala em outros contextos hipercomplexidade, hiperconsumo, além de hipertexto e hipermídia. Rojo (2012, p. 15), citando o conceito de "hipermodernidade", afirma que "surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novas linguagens". O modelo tradicional de ensino não abrange mais a totalidade do conhecimento.

Rojo (2012) chama a atenção para o tema "Hibridação", em que a autora defende o ensino como híbrido, ou seja, o estudo voltado para o ensino tradicional, mas não se esquecendo das relações com as novas tecnologias. Numa época em que crianças e adolescentes vivem conectados à *internet*, ouvindo música, baixando filmes, jogos on-line, dentre outras possibilidades que o computador e o *smarphone* oferece, não faz sentido que a escola rejeite essa prática. O fato é que o tempo é de evolução, e esse contexto não pode ser ignorado. O mundo é de pessoas cada vez mais conectadas, e esse fato não pode ser ignorado pelos professores,

responsáveis pelo processo de ensino. Assim, a escola, no papel de formar cidadãos com consciência crítica, deve repensar sobre o método de ensino. O livro deve ser complementado com outros meios de ensino pautados no universo da cibercultura e, especialmente, no letramento, no desenvolvimento de sociedade pensante e crítica.

Por outro lado, a crítica social, vital para a sociedade global, é um tema abordado pelo geógrafo Milton Santos (1926-2001) em várias de suas obras e, especialmente, no conteúdo do livro, "Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal", o autor traz um compromisso profundo com a educação e com a responsabilidade dos educadores, bem como discussões sobre o que é e como se apresenta a Globalização no século XXI. Segundo Santos (2008), é impossível construir uma nova sociedade, uma globalização solidária, sem reestruturar a educação, a escola, o pensamento dominante, a democracia e a ética. Por isso, é possível buscar associar essa visão de Santos (2008) aos preceitos dos (novos) letramentos como forma de estimular a cidadania e despertar a consciência dos estudantes do século XXI para os novos desafios emergentes em nossa sociedade a para as corresponsabilidades sociais, ambientais, econômicas e políticas que despontam como a contemporaneidade.

3. METODOLOGIA

Para a realização dessa proposta de Sequência Didática - SD, primeiramente, fez-se o levantamento teórico, contemplando a temática proposta: letramento, multiletramento, globalização e crítica social. Posteriormente, selecionou-se um texto didático 'A globalização e seus efeitos na sociedade atual' (ALMEIDA; RIGOLIN, 2015) (Quadro 1), o documentário "Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá" (TENDLER, 2006) (Figura 1) e o curta-metragem *"Hapiness: a film by Steve Cutts"* (CUTTS, 2017) (Figura 2) para serem analisados mediantes o viés apresentado.

A proposta foi aplicada pela professora de Geografia em uma turma de 23 alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio de uma escola particular na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. A turma foi organizada em três grupos (Grupo Fábula; Grupo Perversidade; Grupo Possibilidade) que trabalharam com os materiais (o texto, o filme e o curta-metragem). Cada grupo deveria desenvolver a sua interpretação sobre a globalização, conforme a denominação do

seu grupo. E, no terceiro encontro, foram socializadas as críticas e os sentidos das interpretações em relação ao tema globalização para o grande grupo (a turma).

A globalização e seus efeitos na sociedade atual

O que é globalização?

A globalização é um termo elaborado na década de 1980 para descrever o processo de intensificação da integração econômica e política internacional, marcado pelo avanço nos sistemas de transporte e de comunicação. Por se caracterizar por um fenômeno de caráter mundial, muitos autores preferem utilizar o termo *mundialização*.

É preciso lembrar, porém, que, apesar de ser um conceito recentemente elaborado, a sua ocorrência é antiga. A maioria dos cientistas sociais data o seu início no final do século XV e início do século XVI, quando os europeus iniciaram o processo de expansão colonial marítima. Com isso, é possível perceber que a globalização não é um fato repentino e consolidado, mas um processo de integração gradativa que está constantemente se expandindo.

Muitos autores utilizam o termo "Aldeia Global" para se referir à globalização, pois ela não se limita aos planos políticos e econômicos, ocorrendo também no âmbito da cultura. Observa-se uma grande troca de costumes, hábitos e mercadorias culturais. Os *animes* japoneses e os filmes de *Hollywood*, por exemplo, são assistidos em todo o mundo.

Assim, muito se fala em uma padronização cultural. No entanto, há quem conteste essa tese, dizendo que os regionalismos também se ampliam, promovendo o aumento da heterogeneidade cultural. Outros chegam a afirmar que o que ocorre, na verdade, é uma *hegemonização* cultural, em que os costumes dominantes se impõem sobre os demais.

Para se ter uma ideia dos avanços tecnológicos e do aumento da velocidade nas trocas de informações, podemos comparar as notícias das mortes de duas personalidades mundialmente conhecidas. Em 1865, quando Abraham Lincoln faleceu, a notícia chegou à Europa treze dias depois. Em 2009, a morte de Michael Jackson estava sendo divulgada em tempo real para todo o mundo.

O geógrafo e economista *David Harvey*, em sua obra "A condição pós-moderna", utiliza-se de um conceito específico para se referir ao aumento da velocidade nas trocas comerciais e de informações: a compressão espaço-tempo. Isso porque, com os avanços nos meios de transporte, as grandes distâncias deixaram – ou estão deixando – de ser um obstáculo. Ao mesmo tempo, os avanços nos meios de comunicação também "encurtaram" o tempo, como no exemplo citado acima. O que se levava vários dias ou semanas para ser noticiado, hoje é conhecido pelo mundo todo em pouquíssimos segundos.

Críticas à globalização

O processo de globalização, em seus moldes atuais, vem sendo duramente criticado por alguns intelectuais e grupos sociais organizados. A principal afirmação é de que esse processo ocorre de uma forma que beneficia apenas as elites econômicas e os países dominantes, em detrimento das populações pobres e regiões de todo mundo.

O ponto central das críticas é que os avanços tecnológicos e das comunicações sempre alcançam primeiramente aqueles que possuem um poder aquisitivo superior. Outro fator é que, com as expansões das inúmeras multinacionais em todo mundo, amplia-se a concentração de renda, de modo que o número de pessoas contempladas pelos benefícios da mundialização diminui constantemente.

Um exemplo a ser citado é o fato de as três pessoas mais ricas do mundo somarem mais

riquezas do que os 48 países mais pobres do mundo juntos. Além disso, segundo os críticos da globalização, o processo de integração mundial foi construído tendo como base o modelo europeu de cultura e civilização. Assim, toda forma de conhecimento e comportamento teria sido estabelecida com base nos padrões eurocêntricos de moralidade, suprimindo povos e culturas tradicionais de outros países, considerados "inferiores" pela ideologia dominante. O geógrafo Milton Santos em sua renomada obra *Por uma outra Globalização*, divide esse fenômeno em três abordagens: a) **a globalização como fábula**, ou seja, da forma como nos é contada; b) **a globalização como perversidade**, da forma como ela realmente é; c) **globalização como possibilidade**, quando propõe a ideia de uma outra globalização, mais justa e igualitária.

Quadro 1 – Linguagem verbal (texto) sobre o tema globalização.
Fonte: ALMEIDA, L. M. A. de; RIGOLIN, T. B. (2015).

O documentário, "Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá" (TENDLER, 2006), Figura 1, relata a vida do importante geógrafo e as principais ideias norteadoras do seu pensamento e, especialmente, apresenta a Geografia para uma nova leitura do mundo e para a intervenção na busca por novas formas de viver em sociedade no século XXI. O documentário utiliza vídeos, depoimentos, frames, entrevistas, depoimentos e filmagens de movimentos sociais.

Figura 1 – Linguagem visual (letramento/multiletramento) sobre o tema globalização.
Fonte: TENDLER (2006).

E, para dar a ênfase crítica ao tema ‘globalização’, tem-se o curta-metragem “*Hapiness: a film by Steve Cutts”* (CUTTS, 2017) que faz uma apreciação crítica à sociedade contemporânea: consumista, alienada e dependente das aparências e do consumo como fonte de “felicidade” (Figura 2). O curta-metragem é breve, com duração de apenas 4minutos e 16 segundos.

.

Figura 2 – Linguagem visual e crítica social.
Fonte: CUTTS (2017).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O texto, ‘A globalização e seus efeitos na sociedade atual’, de Lúcia Marina Alves de Almeida e Tércio Barbosa Rigolin (2015) evidencia que o fenômeno da globalização não se limita aos planos políticos e econômicos, mas também tem grande influência no âmbito da cultura. As facilidades de comunicação planetária permitem o conhecimento e, muitas, vezes, a massificação de consumos e hábitos ditados pelos modismos.

No texto, há críticas contundentes ao avanço do grande capital (multinacionais) e a concentração da renda, sendo a globalização um processo que ocorre de uma forma que beneficia apenas as elites econômicas e os países dominantes, em detrimento das populações pobres e regiões de todo o mundo. O ponto central das críticas é que os avanços tecnológicos e das

comunicações sempre alcançam primeiramente aqueles que possuem um poder aquisitivo superior.

Pode-se inferir que a globalização realmente atendeu as expectativas de tornar o trabalho das pessoas mais produtivo e de trazer benefícios significativos a um grande número de pessoas no mundo, mas excluiu, definitivamente, outra enorme parcela da população dos mesmos. A globalização, até o momento, somente alargou os caminhos para aqueles que detém os maiores capitais. No entanto, para que ela produza efeitos desejados de humanização deve assegurar a todos um desenvolvimento social mais igualitário. E esse efeito está profundamente relacionado à responsabilidade dos educadores e também às discussões sobre o que é e como se apresenta a globalização no século XXI. Segundo Santos (2008), é impossível construir uma nova sociedade, uma globalização solidária, sem reestruturar a educação, a escola, o pensamento dominante, a democracia e a ética.

Nessa interface, ao discutir a temática globalização em sala de aula, torna-se interessante utilizar esse importante autor como referência, fazendo com que os alunos reflitam sobre as diferentes faces do fenômeno: a fábula, a perversidade e a possibilidade e também que compreendam o que é o tal espaço geográfico estudado pela Geografia.

Segundo o documentário, 'Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá' (TENDLER, 2006), Milton Santos (2008) considera a existência de, pelo menos, três mundos num só. O entendimento de como seriam esses mundos passa pela compreensão do que é a globalização, e, por isso o autor identifica os mundos de acordo com a percepção, com a realidade e com a possibilidade.

E, para dar a ênfase crítica ao tema, o curta-metragem "*Hapiness: a film by Steve Cutts"* (CUTTS, 2017), faz uma apreciação crítica à sociedade contemporânea: consumista, alienada e dependente das aparências e do consumo como fonte de "felicidade". No curta-metragem, as personagens são ratos que personificam o cenário da globalização em suas diferentes faces: a fábula, a perversidade e a possibilidade. O curta aborda, também, desde a busca desenfreada pelo consumismo e pelas "marcas globais", como o trabalho que prende o ser humano e o explora, os problemas urbanos, as drogas, o álcool e os remédios como possibilidade de superação do vazio existencial proporcionado pela Globalização perversa e a falaciosa associação "*ter é ser feliz*". Apesar de breve, apenas 4.16 minutos, possui imensa e abrangente densidade teórica capaz de

conduzir a reflexões profundas sobre a sociedade contemporânea e levar os estudantes a questionarem os padrões culturais impostos pelo mundo global e pelo sistema capitalista (BATISTA; FELTRIN; BECKER, 2018).

Segundo Santos (2008), a globalização, como fábula, mostra o lado ilusório do mundo global, colocando-o como um espaço onde todos têm acesso aos bens e serviços essenciais à qualidade de vida. Esse mundo globalizado, visto como fábula, exige um certo número de fantasias, muitas vezes, geradas pelos uso cada vez mais alarmante de drogas licitas e ilícitas, conforme evidencia a figura 3 (a e b).

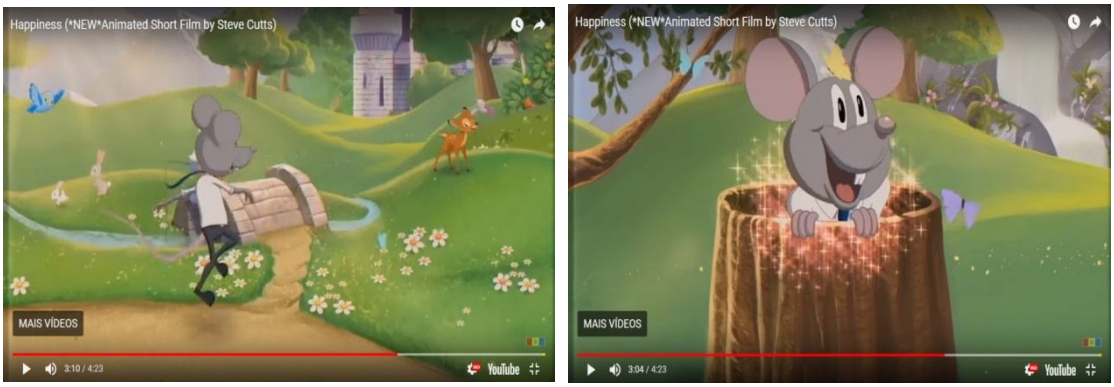

Figura 3 (a e b) – Rato em ilusão sobre o ambiente natural, denotando uma "felicidade genuína", compartilhada com todos os elementos da natureza, porém causada pela alucinação gerada pelo uso de drogas lícitas (o rato tem "alucinações" quando está "bêbado". Pode ser interpretada como a globalização como fábula defendida por Santos (2008).
Fonte: CUTTS (2017).

A máquina ideológica faz crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas e que mascarar a felicidade por subterfúgios breves e alienantes conduz a uma experiência de alegria e de saciedade tentando "provar" que é no sistema que se encontra as soluções para as questões de sua própria vida. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de saciar as necessidades e as frustações humanas ao homogeneizar o planeta através da disposição, cada vez maior, de mercadoria para o consumo cada vez mais intenso e de supérfluos quando, na verdade, acentua as desigualdades socioeconômicas e aprofunda as diferenças regionais.

Os alunos do 'Grupo Fábula" evidenciaram o perigo de "não entender" as falsas facilidades de sucesso e de felicidade propagadas nas propagandas de produtos.

> As novidades criam muitas vezes falsas expectativas vendendo algo surreal, utilizando a velocidade das informações para diversos interesses. Disseminando valores essenciais às relações sociais como ética, amizade e respeito às diferenças (Grupo Fábula/Terceiro Ano).
>
> Um problema recorrente do avanço exacerbado da comunicação é a sobreposição de uma cultura sobre a outra e isso conduz à uma monocultura de ideias, onde sempre a cultura mais "relevante" ou imponente é aquela amparada pelo poder econômico (Grupo Fábula/Terceiro Ano).

Podemos indagar se não estamos diante de uma ideologização maciça, segundo a qual a realização do mundo atual exige, como condição essencial, o exercício de fabulações. Logo, é preciso entender que:

> [...] A máquina ideológica que sustenta as ações preponderantes da atualidade é feita de peças que se alimentam mutuamente e põem em movimento os elementos essenciais à continuidade do sistema. [...] Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. [...] No lugar do fim da ideologia proclamado pelos que sustentam a bondade dos presentes processos de globalização, não estaríamos, de fato, diante da presença de uma ideologização maciça, segundo a qual a realização do mundo atual exige como condição essencial o exercício de fabulações. (SANTOS, 2008, p. 9).

O consumo é estimulado por meio de crenças e ideologias para se ter a "felicidade" e, nesse sentido, estimula-se o "ter" em detrimento do "ser". A personagem do curta-metragem, o rato, evidencia as interfaces perversas e as fabulações realizadas pelo modelo capitalista vigente no mundo globalizado, buscando, a qualquer preço, a tão desejada e utópica felicidade capitalista (Figura 4a e b).

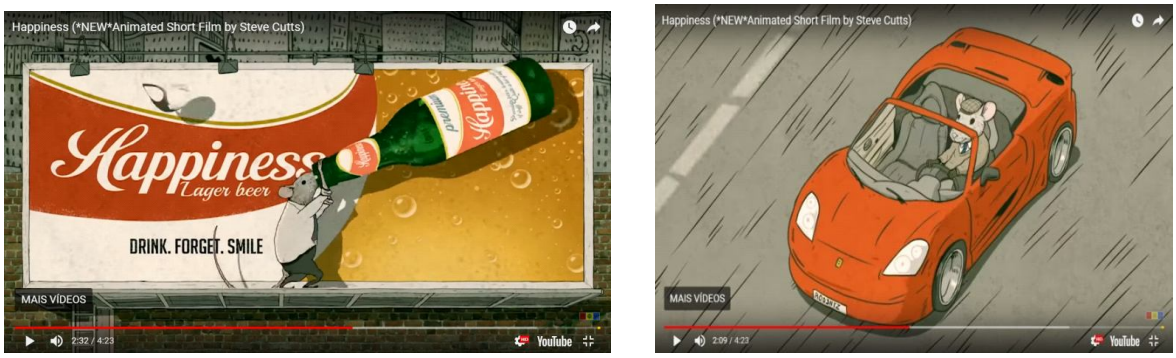

Figura 4 – (a) Rato e os vícios do consumo dos produtos industrializados, buscando a felicidade a qualquer preço. (b) Rato e o principal símbolo do consumismo: o automóvel. A globalização como fábula.
Fonte: CUTTS (2017).

No entanto, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. A humanidade, em sua trajetória história, sempre teve registros de fome, segregação, dominação, concentração do poder e da riqueza, independente do sistema econômico dominante. Na modernidade e, especialmente, no contexto contemporâneo, percebe-se que a qualidade de vida é real, no entanto, a desigualdade social permanece e o desemprego se torna crônico, a pobreza aumenta, novas enfermidades se instalam, a mortalidade infantil continua, a educação de qualidade é cada vez mais inacessível e o consumo é cada vez mais representado como fonte de felicidade. A perversidade sistêmica está relacionada à adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas.

Nesse sentido, os alunos do 'Grupo Perversidade' trouxeram importantes ponderações e defenderam ideias críticas sobre o tema "globalização":

> A concorrência traz a perversidade no que se resulta numa especulação e exploração dos recursos naturais e humanos (trabalhadores) sem limites, causando enormes injustiças econômicas e sociais nas "mãos" de quem possui do poder (Grupo Perversidade/Terceiro Ano).
>
> Hoje em dia vivemos o resquício do eurocentrismo e do chamado "American Way of Life", ou seja, tudo que vemos e vivemos é imposto por grandes marcas, das empresas multinacionais. As propagandas induzem que a marca estrangeira é a melhor e, sem avaliar, compramos e consumimos as marcar estrangeiras e potencializamos os lucros das multinacionais em detrimento das empresas

> nacionais e, muitas vezes, das pequenas empresas locais (Grupo Perversidade/Terceiro Ano).

Segundo Santos (2008, p. 9), a globalização, como perversidade, expõe todas as mazelas causadas pela exploração do humano pelo grande capital, cujo ser é apenas um recurso (humano) e:

> [...] Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. [...] A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização.

Também Cutts (2017) questiona essa face da globalização e *Hapiness* expõe a realidade perversa do mundo global com muita propriedade (Figura 5a e b).

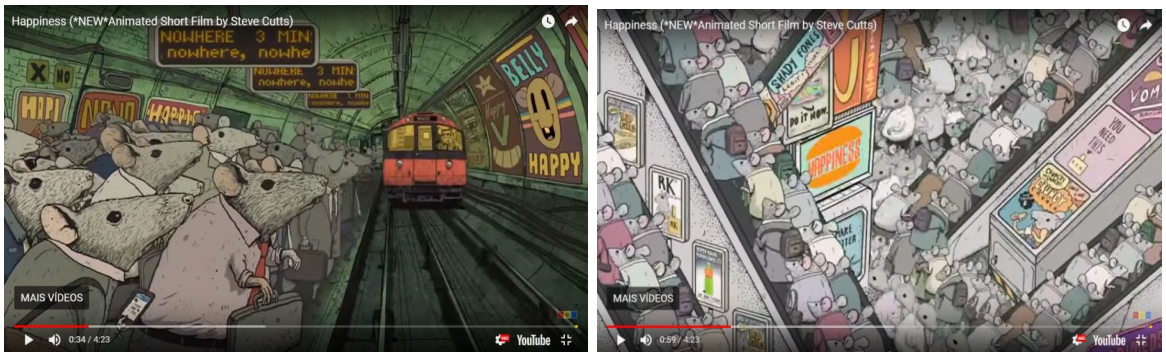

Figura 5 – (a) Ratos em ambientes urbanos, lotados, denotando pressa. (b) Ratos em ambientes de trabalho frenético e de competição. A globalização como perversidade. Fonte: CUTTS (2017).

As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento integrado do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa e divulgar a ideia da globalização como fábula. No entanto, essas mesmas bases poderão servir a outros objetivos, se forem postas

ao serviço de outras ideias e, especialmente, se forem postas a serviço de outros "leitores críticos". As mídias e os demais provedores de informação desempenham um papel central para a democracia e a justiça social, seja como plataformas para o discurso democrático ou como provedores de informação e conhecimentos.

Se as mídias têm um papel a cumprir no apoio à democracia, os cidadãos precisam entender como usá-las de forma crítica, sabendo interpretar as informações que recebem, incluindo o uso de metáforas, o recurso de ironia e as maneiras como as ideias são contextualizadas a fim de sugerirem certos significados.

Como cidadãos, os indivíduos precisam desenvolver competências específicas (conhecimentos, habilidades e atitudes) para engajarem-se junto às mídias. Nesse sentido, os (novos) letramentos e os multiletramentos oferecem as habilidades e as competências para que a sociedade global vislumbre um outro mundo possível, a partir da crítica social necessária para a globalização.

> "Falar em globalização como possibilidade é entender a mundialização da economia mais igualitária e justa e, isso, na nossa percepção é uma utopia. Afinal, uma sociedade global justa afetaria a prosperidade e o acúmulo de dinheiro das grandes marcas. Para as grandes empresas que dominam a economia mundial, a globalização é a possibilidade de enriquecer cada vez mais em detrimento da maior parte da população da terra e do espólio da natureza" (Grupo perversidade/Terceiro Ano).

> "No curta-metragem é mostrado que a humanidades está, cada vez mais, dependente da tecnologia e isso traz a grande possibilidade de "mostrar" as diversidades e o pluralismo cultural existente no planeta e, se quisermos, tornarmos mais solidários com o diferente e o socialmente excluído" (Grupo Perversidade/Terceiro/Ano).

Há um outro mundo possível! Segundo Santos (2008, p. 10) "[...] podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana". Esse outro mundo é plausível, a partir da globalização como possibilidade, e apresenta a necessidade de um mundo mais solidário e comprometido com as gerações futuras, com a sustentabilidade, com a paz entre os povos, com a ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando discutimos questões ligadas à democracia e ao desenvolvimento humano é imprescindível enriquecer a educação com o pensamento voltado, também à crítica social. Um importante pré-requisito para o empoderamento dos cidadãos é o esforço concentrado par aprimorar a alfabetização e o letramento nas habilidades que auxiliam no fortalecimento das capacidades críticas e de comunicação que permitem aos indivíduos utilizar textos, mídias e comunicações tanto como ferramentas, quanto como uma maneira de articular processos de desenvolvimento e empoderando pessoas para que influenciem suas próprias escolhas.

Um elemento fundamental nos esforços rumo a uma sociedade crítica e democrática é a educação multiletrada. Neste artigo, realizou-se uma descrição, reflexiva, sobre o letramento e sua capacidade em desenvolver sentidos para a educação e a crítica social em sujeitos da geração jovem a partir de do texto, do documentário e do curta-metragem.

O texto, o documentário e o curta-metragem fazem uma profunda crítica ao consumismo e à ditadura da busca pela aparente felicidade capitalista. O curta-metragem é breve, 4minutos e 16segundos, e apresenta apenas ratos em cenários do mundo atual, os ratos correndo, desenfreados o que demonstra a busca alucinada pelo consumismo. Evidencia que os ratos trabalham (vendem o seu tempo) para ter dinheiro para comprar e consumir e, portanto, denuncia o trabalho que prende o ser humano e o explora, os problemas urbanos, as drogas, o álcool e os remédios como possibilidade de superação do vazio existencial proporcionado pela globalização perversa e a falaciosa associação "*ter é ser feliz*".

O curta-metragem, apesar de breve, possui imensa e abrangente densidade teórica capaz de conduzir a reflexões profundas sobre a sociedade contemporânea e levar a sociedade global a questionar os padrões culturais impostos pelo mundo global e pelo sistema capitalista. Revela uma globalização perversa (como ocorre com a maior parte da população do planeta) e uma globalização fábula (para poucos, uma vida condicionada pela essência do 'ter'). E, em seu conjunto, faz refletir sobre uma outra globalização, uma globalização como possibilidade.

A partir da crítica social necessária para a sensata reflexão sobre a globalização e, também, para atingir o que está previsto no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao estabelecer que "todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão;

esse direito inclui a liberdade de opinar livremente e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras" (UNESCO, 1948), é possível inferir que, o letramento e o multiletramento oferecem as habilidades e as competências para que a sociedade global vislumbre um outro mundo possível.

REFERÊNCIAS

ALBARELLO, P.; PINHEIRO, N. Polifonia como estratégia no processo de recontextualização da ciência no gênero reportagem televisiva. **Domínios de Lingu@gem**, v. 11, n. 4, p. 1344-1365, 2017.

ALMEIDA, L. M. A. de; RIGOLIN, T. B. **Fronteiras da globalização**. São Paulo: Ática, 2015.

BATISTA, N. L; FELTRIN, T; BECKER, E. L. S. Pensando a Globalização com alunos do Ensino Fundamental: um relato de prática. **Revista Ensino de Geografia** (Recife), v. 1, p. 108-119, 2018.

BECKER, E. L. S. **História do pensamento geográfico**. Santa Maria: Pallotti, 2006.

COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies**: literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2006.

CUTTS, S. ***Hapiness*: *a film by Steve Cutts***. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B2huzTX_S2c>. Acesso em: 26 out. 2018.

DECLARAÇÃO DE ALEXANDRIA. Disponível em https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfsoc-pt.pdf Acesso em 25 de novembro de 2018.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HEMAIS, B. J. W. **Gêneros discursivos e multimodalidade**: desafios, reflexões e propostas no ensino de inglês. São Paulo: Pontes, 2015.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarola, 2004.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa:** ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

ROJO, R; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 15. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2008.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2000.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014.

TENDLER, S. **Encontro com Milton Santos**: o mundo global visto do lado de cá. Documentário de: TENDLER, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K6EIIQNsoJU>. Acesso em: 03 nov. 2018.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

Enviado: 02/12/2018
Aprovado:17/04/2019